



## **Webradio: a atualização tecnológica do moderno ao contemporâneo<sup>1</sup>**

Veridiana Pivetta de MELLO<sup>2</sup>  
Universidade de Santa Cruz do Sul

### **Resumo**

O rádio é uma criação da modernidade. Na pós-modernidade, entretanto, o veículo se atualiza, isto é, para além de tornar-se atual, ele adquire características do contemporâneo. Neste sentido, este ensaio visa fazer uma reflexão sobre como a programação jornalística de rádio adapta-se a seu tempo, ou seja, torna-se contemporânea. A partir de um breve contexto da pós-modernidade, desenvolver-se-á, alguns conceitos, pelos quais, acredita-se que o rádio faz sua atualização para este tempo. São eles: a cultura da velocidade, a temporalidade múltipla de realidade e a lógica de fluxo. Por fim, a atualização tecnológica, o veículo adquire novos elementos, além do campo sonoro, o campo imagético: a webradio.

### **Palavras-chave**

Radiojornalismo; webradio; pós-modernidade.

O rádio é uma criação da modernidade, não apenas por ter surgido no início do século XX, como também, por representar o espírito daquela época, de grandes descobertas técnicas e científicas. Os tempos, hoje, são outros, e, contudo, esse meio de comunicação mostra-se vigoroso, plenamente adaptado a essa nova era que vivenciamos. Na pós-modernidade o rádio se atualiza, isto é, para além de tornar-se atual, ele adquire características do contemporâneo.

Neste sentido, este ensaio visa fazer uma reflexão sobre como a programação jornalística de rádio adapta-se a seu tempo, ou seja, torna-se contemporânea. A partir de um breve contexto da pós-modernidade, desenvolver-se-á, a seguir, alguns conceitos, pelos quais, acredita-se que o rádio faz sua atualização para este tempo. São eles: a cultura da velocidade, a temporalidade múltipla de realidade e a lógica de fluxo. Por fim, a atualização tecnológica, o veículo adquire novos elementos, além do campo sonoro, o campo imagético: a webradio.

### **Um contexto: o contemporâneo**

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Docente da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).



Os tempos atuais marcam novos modos de agir e pensar, novos modos de experienciar o estético, o filosófico, o político. Autores como Teixeira Coelho (1995) e Harvey (1992) assinalam que a ideia da pós-modernidade inicia por volta dos anos de 1970. Nos últimos 40 anos, portanto, verificou-se uma mudança na estrutura do pensamento e da sensibilidade que não pode ser ignorada. Essa transformação não se observou igualmente em todos os setores. Contudo, numa dimensão importante de nossa vida, aponta Harvey (1992, p. 45), houve “uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições do de um período precedente”.

A mudança começa na forma de nominar os tempos atuais. O prefixo pós designa, no mínimo, algo que vem depois, mas essa relação temporal pode ser compreendida por dois vieses, segundo Connor (1992). De um lado, está vinculado com a ideia de superação, o pós alguma coisa representa sua exaustão, sua decadência. Um período que se denomina pós-cultura, por exemplo, não pode definir-se de maneira independente, estará sempre condenado a ser um prolongamento de uma realidade cultural desaparecida. Por outro lado, o termo pós pode adquirir um tom mais positivo, não significando “a fadiga de quem chega atrasado, mas a liberdade e a auto-afirmação dos que despertam do passado,” (CONNOR, 1992, p. 57). De todo o modo, a pós-modernidade sempre guarda essa relação complexa com a modernidade, que está marcada no seu próprio nome, ora a invocando e admirando, ora a rejeitando, aponta Connor (1992).

Esta transformação nas formas de viver as coisas do mundo pode ser percebida em diversas áreas. Na arquitetura, por exemplo, verifica-se a busca pelo funcional. O desenvolvimento urbano é concebido como uma colagem de espaços e misturas. Enquanto os planejadores modernistas buscavam o domínio da cidade como uma totalidade ao projetar formas fechadas, Harvey (1992, p. 49) assinala que “os pós-modernistas costumam ver o processo urbano como algo incontrolável e caótico, no qual a anarquia e o acaso podem jogar em situações inteiramente abertas”.

O pós-moderno, na literatura, caracteriza-se pela passagem de um dominante epistemológico (dos princípios) para um ontológico (do ser). Ou seja, a passagem de uma narrativa mais explicativa de compreensão de uma realidade para outra onde realidades diferentes podem coexistir, colidir e se interpenetrar. Sendo assim, as



personagens, do romance pós-moderno, parecem confusas em relação ao mundo em que estão e de como deveriam agir nele. Conforme Harvey (1992, p. 49), já não existe mais os gêneros literários, nem é mais possível classificar as obras segundo os códigos mestres do gênero, o estilo pós-moderno observa a obra como um texto com sua retórica particular, “mas que, em princípio, pode ser comparado com qualquer outro texto de qualquer espécie”.

A aproximação entre a arte e a ciência também é um dos traços da pós-modernidade, aponta Teixeira Coelho (1995). Na contemporaneidade, não existe mais a distinção entre o procedimento da lógica (ciência) e o recurso poético. A arte não irá combater a ciência e a tecnologia, como fez na modernidade. Isso não quer dizer que a arte irá aderir aos procedimentos da ciência e da tecnologia. É a ciência que se aproxima do processo poético. A razão pós-moderna não é lógica, é uma razão não-racional. Uma razão em larga escala poética. Para Teixeira Coelho (1995, p. 100) “os grandes traços da pós-modernidade estão aí colocados: o anarquismo, o tudo vale, o inclusivismo, a proliferação, a aceitação do antigo e da historiografia”.

Analisando a cultura iconográfica contemporânea, Rahde (2006), também identifica a perda de uma concepção racional, de formas puras, claras e estruturadas da modernidade, em nome da ambiguidade e da hibridação estilística, própria da cultura midiática que domina o imaginário do mundo de hoje. “[...] o que antes era apenas lógica está cada vez mais unido ao sentimento, às crenças, às percepções, às emoções de um imaginário cultural que nos rege,” aponta Rahde (2006, p. 10).

No mesmo sentido, Harvey (1992, p. 49) formula que o mais espantoso, na pós-modernidade, é a “sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico”. Para o autor, o pós-moderno, acolhe estes elementos, como se fosse tudo o que existisse. Vivemos, num tempo, em que é mais do que favorável que se desenvolva a ação, o pensamento e os desejos através da proliferação, da justaposição e da disjunção, que se prefira o múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os arranjos móveis aos sistemas.

No cenário contemporâneo surgiram novas maneiras de percepção político-ideológicas, filosóficas, científicas e até religiosas. E ainda diferentes formatos artísticos e culturais, como aponta Teixeira Coelho (1995, p. 8).



Novos modos de expressão musical [...], novos modos de imagem (a MTV, o CD-ROM), a publicidade pervagante, o cinema das grandes trucagens, o jornal quase sem palavras [...], novos modos de viver em sociedade, enfim: uma multidão de novos modos estéticos e éticos que pouco ou nada têm em comum com o universo e a sensibilidade da época do romance balzaquiano, da pintura impressionista, [...]. Revisões na moda, um diferente entendimento das práticas sexuais em suas diferentes versões, o surgimento da AIDS, tudo aponta para uma sensibilidade à qual os cânones modernos pouco dizem.

A pós-modernidade acolhe, então, a fragmentação, a efemeridade e a mudança caótica de maneira afirmativa e como condição para sua existência. Neste contexto, pode-se observar que os meios de comunicação reproduzem estes elementos, principalmente, a partir do advento tecnológico da *web*. O rádio também adquire essas características, atualizando-se. A programação do rádio informativo se apresenta, hoje, com conteúdo altamente fragmentado, com uma cultura da velocidade, com uma temporalidade múltipla da realidade e com uma lógica de fluxo.

### **A cultura da velocidade**

A velocidade é um paradigma do jornalismo contemporâneo. Tudo tem que ser apresentado rápido e em tempo real, o importante é chegar na frente. Segundo Marcondes Filho (2002, p. 81), a “lógica da velocidade se refere tanto à rapidez com que cada emissora traz um fato ao público quanto ao ritmo de apresentação das notícias”. Conforme o autor, um tema não é bom ou importante pela sua qualidade jornalística exatamente, mas se for apresentado antes que os outros.

No que se refere ao ritmo, a velocidade, também dita, a formatação do conteúdo. Marcondes Filho (2002, p. 81), aponta que o ritmo rápido produz um “efeito de aceleração”, que exige minicenas, minirrelatos, sonoras curtas, “construindo narrativas rápidas e em tempo recorde.” A cultura da velocidade obriga ainda que todas as informações sejam superficiais. “A rapidez exige decisão instantânea, separação imediata do material, triagem de algumas informações básicas e emissão a ritmo de blitzkrieg”. Sendo assim, observa-se, no rádio – nos programas, nas notícias - enfim, impregnado no conteúdo e na forma, os elementos pós-modernos da fragmentação e da efemeridade.

Para Moretzsohn (2002) a velocidade é um fetiche. A autora explica que, na abordagem marxista, fetiche é quando o produto do trabalho assume a forma de



mercadoria e passa a ter vida própria, a valer por si mesmo, escondendo a relação social que lhe originou. No caso do jornalismo, a velocidade “passa a ser o principal ‘valor notícia’: antes de tudo, importa chegar na frente do concorrente, e alimentar o sistema com dados novos, num continuum vertiginoso a pautar o trabalho nas grandes redações”, (MORETZSOHN, 2002, p. 12).

O lema-síntese do jornalismo que é a “verdade em primeira mão” fica comprometido, segundo Moretzsohn (2002, p. 120), uma vez que “a velocidade é consumida como fetiche, pois ‘chegar na frente’ torna-se mais importante do que ‘dizer a verdade’: a estrutura industrial da empresa jornalística está montada para atender a essa lógica.” Considerando a rotina produtiva de uma rádio informativa, qual seja, aquela que dedica-se basicamente ao jornalismo, verificar-se-á que a rapidez é um elemento impregnado na cultura profissional.

Uma das lógicas operantes do jornalismo, na atualidade, é a cultura da velocidade. Deste modo, a rapidez nos processos de captação, produção e transmissão da informação, tornam os jornalistas, funcionários de uma linha de montagem acelerada, ainda reproduzindo parâmetros da modernidade. Contudo, esta cultura da velocidade marca, hoje, a programação jornalística das rádios, que se apresenta descontínua, proliferada, múltipla e efêmera, tanto na formatação dos programas e os gêneros jornalísticos (notícia, reportagem, entrevista) dentro deles, quanto no conteúdo propriamente dito, tornando-a contemporânea.

Num esquema bastante esclarecedor, Harvey (1992, p. 48) apresenta as diferenças entre o modernismo e o pós-modernismo, em várias áreas. Poder-se-ia, identificar, com algumas dessas características, a programação de rádio contemporânea: ela é participativa (com a intensa *entrada* de repórteres *ao vivo* de vários lugares, do público cada vez mais ativo e ainda dos espaços de interatividade – facilitados pela tecnologia - cada vez mais valorizados), superficial (tudo tem que ser produzido e apresentado rapidamente, portanto, não há tempo para o aprofundamento dos assuntos), mutante (jornalismo, serviço, publicidade, patrocínio, são conceitos que se misturam e se alteram), e com pequenas narrativas (tanto no aspecto da linguagem que é sintética e objetiva, quanto na abordagem dos temas, há pouco espaço para os grandes debates sobre as questões nacionais).



## **A temporalidade múltipla da realidade**

A dimensão temporal é um componente essencial do jornalismo e mesmo um fator de identidade. Segundo Meditsch (1999), a relação do jornalismo com o tempo se expressa, etimologicamente, (jornal-jornada, em português e diurnalis-diário, em latim) e, ainda, se caracteriza pela dupla contemporaneidade (relato atual de acontecimentos atuais). Franciscato (2005) argumenta que o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais.

O jornalismo constitui modos padronizados de produzir as notícias em larga escala, “sob determinados princípios e critérios, apoiados em suportes e organizações que se consolidam e operam coletivamente,” conforme Franciscato (2005, p. 101). Uma das estratégias para colocar na cena midiática as informações é a co-temporalidade enunciativa, assinala Charaudeau (2006), pois há uma junção do instante do surgimento do acontecimento, do instante da produção midiática, do instante da saída do produto midiático e do instante do consumo da notícia, que é o que define a atualidade do acontecimento, a partir de uma construção temporal que une múltiplos elementos da realidade.

Sendo assim, a mídia não apresenta uma única temporalidade, mas uma multiplicidade de tempos, construídos de formas diferentes, levando em consideração os gêneros produzidos e os suportes utilizados. Desse modo, o jornalismo fragmenta a experiência temporal para adequá-la a sua rotina produtiva, pois seria, praticamente, impossível transmitir os acontecimentos, sem esta estratégia.

As mídias eletrônicas, a partir do uso intensivo do *ao vivo* e em tempo real, presentificam as experiências sociais. Para Franciscato (2005) o jornalismo consolida a sua temporalidade do presente não somente no momento da transmissão dos acontecimentos, mas, também, no seu conteúdo.

O conteúdo do jornalismo está vinculado ao tempo presente não somente por mera coincidência ou convenção, mas porque a sua constituição histórica atribuiu-lhe o papel de produzir um recurso que fosse adequado e capaz, para a sociedade, agir coletiva ou coordenadamente em uma mesma temporalidade – o tempo presente. Por meio do conteúdo jornalístico, é possível pensar um tempo comum (o tempo presente da experiência social) sem que rompamos com a



idéia que os atores sociais tenham experiências temporais em outras dimensões da vida. (FRANCISCATO, 2005, p. 224)

A cobertura de fatos jornalísticos em tempo real, especialmente quando utiliza o padrão de transmissão *ao vivo*, produz uma nova experiência de temporalidade. Conforme aponta Franciscato (2005, p. 240), “[...] não é apenas uma tecnologia de transmissão, mas um novo contrato de sentido ou modo de interação, em que evento, jornalista e público agem em simultaneidade”.

Com base na categoria de temporalidade, aqui exposta, observa-se que a programação radiojornalística constrói uma multiplicidade temporal da realidade e a presentificação do tempo. Estas são estratégias discursivas próprias do jornalismo, mas nas mídias eletrônicas, como o rádio e a televisão, isso fica mais evidente, pois as transmissões *ao vivo* fragmentam não só o acontecimento, mas, também a sua temporalidade, tornando-a múltipla, no sentido da experiência social, e, ao mesmo tempo presentificada, pelas técnicas jornalísticas de produção e transmissão.

### **A lógica de fluxo**

A noção de fluxo, juntamente com a cultura da velocidade e a temporalidade múltipla, são elementos que marcam, profundamente, o jornalismo contemporâneo, especialmente, em se analisando as mídias eletrônicas. Meditsch (1999) defende que a programação jornalística de rádio passou de uma lógica de programação, para uma lógica de fluxo. Isso, quer dizer, que a programação de rádio, com uma grade fixa, programas com horário marcado, para começar e terminar, estruturados de uma forma linear, com começo-meio-fim, perde espaço. Emerge, então, uma programação de fluxo contínuo, estruturada de forma circular, ou seja, a passagem de formatos e conteúdos se desloca ao longo do espaço de programação, “em torno de uma unidade de tempo que se repete infinitamente, conforme a lógica de um ponteiro de relógio,” assinala Meditsch (1999, p. 195).

Ao destacar algumas características presentes na oferta contemporânea de conteúdos radiofônicos, Ferraretto (2010, p. 552), aponta também para uma sequência de programação em fluxo, nas palavras do autor, “a passagem de uma lógica da oferta a uma lógica da demanda”. Mesmo que, esta demanda do ouvinte, seja mais pré-suposta do que baseada em pesquisas de audiência. Ferraretto (2010), afirma que o receptor se



libertou de algumas imposições do gosto médio, comum nos veículos de massa e, com as múltiplas possibilidades tecnológicas, ganhou mais autonomia.

Neste sentido, o formato da programação sofre uma mudança na estratégia discursiva, “um deslocamento significativo de um conceito de sequência como programação para um conceito de sequência como *fluxo*”, explica Meditsch (1999, p. 192). Essa transformação na programação é decorrente de uma mudança de comportamento da recepção.

A lógica do agendamento de compromisso com hora marcada (o pegue agora ou largue para sempre) é substituído pela lógica da disponibilização permanente do enunciado sem começo nem fim (o pegue quando quiser), cedendo ao pólo da recepção o poder de determinar os limites temporais da comunicação. [...] trata-se agora de reconhecer que as disponibilidades temporais do público são heterogêneas, abrindo mão da expectativa exagerada quando a sua permanência e substituindo-a pela expectativa de frequência, com a fragmentação do tempo de consumo. (MEDITSCH, 1999, p. 193)

Neste contexto, a programação das rádios tende a se tornar muito parecida. Em se analisando algumas emissoras all news (24h de jornalismo) constata-se que termina um programa e começa outro sem que se tenha observado uma mudança de formato, neste caso, o informativo. Formato é, portanto, a organização dos diversos níveis do discurso na programação num único contexto comunicativo, segundo Meditsch (1999).

Outra consequência da lógica de fluxo no rádio é a repetição de notícias e serviços. Se é proposto ao ouvinte que ele ligue o rádio quando quiser, é necessário disponibilizar para este as informações de maneira cíclica, ou seja, de tempos em tempos as informações devem ser atualizadas e repetidas. A BandNews FM, especializada em jornalismo, deixa evidente em seu slogan a forma circular e fragmentada de sua programação: “BandNews FM, em 20 minutos tudo pode mudar”. A frase afirma a proposta da emissora de oferecer uma síntese noticiosa das últimas notícias a cada intervalo de 20 minutos. Ouvindo a rádio, disponível em <http://www.bandnews.com.br/bandnews/>, o que se observa, no entanto, é que se tudo pode mudar, realmente nada muda em 20 minutos, pois a repetição das notícias é uma constante.

Conforme Connor (1992, p. 42), citando Jameson, algumas das características formais e estilísticas identificadoras da cultura pós-moderna são:



A sua paixão pelo pastiche, pela multiplicação e colagem ‘sem relevo’ de estilos, em oposição à profunda estética expressiva do estilo autêntico que caracteriza o modernismo, e o seu afastamento da ideia da personalidade unificada em favor da experiência ‘esquizóide’ de perda do eu no tempo indiferenciado.

Neste sentido, a lógica de fluxo, que pode ser observada nas programações das emissoras de rádio, mostra aspectos que marcam o tempo atual, e que vão ao encontro dessa referência. Portanto, verifica-se aí a reprodução, o contínuo, a montagem e a ideia de movimento frenético e caótico, expressa na locução vibrante, no uso intensivo de vinhetas, trilhas, fundo musical (BG) e outros elementos sonoros, utilizados para dar ritmo e *ares* de espetáculo à programação.

A passagem da experiência paranóica, estruturada de modo lógico, para a esquizofrênica, da perda de identidade e ruptura do contato com a realidade, assinalada por Connor (1992), é perceptível na estratégia de espetacularização, utilizada cada vez mais pelos meios de comunicação. Segundo Meditsch (2010), o excesso de informação e a concorrência acirrada geram um descompromisso com o importante, e, o interesse pelo mundo se reduz ao imediatamente prazeroso, divertido e descartável. “A informação em tempo real é uma necessidade social num mundo que se move em alta velocidade de maneira cada vez mais interdependente” (MEDITSCH, 2010, p. 232). Mas considerando a espetacularização, Meditsch (2010, p. 232), aponta que “o tempo real pode ser usado como um mero recurso de distração, ou mesmo como um disfarce para a falta de rigor, assim como também o pode o fluxo contínuo de informação nos meios eletrônicos”.

### **O rádio com campo imagético: a webradio**

Numa certa perspectiva, pode-se dizer que a cultura midiática é a representação do contemporâneo. Ela é mutante, híbrida, fragmentária, efêmera. E, ainda, dentro dessa cultura midiática, a dimensão tecnológica potencializa suas características pós-modernas. Neste sentido, é possível argumentar que a webradio representa a atualização máxima no rádio, pois é o veículo dotado de um campo imagético. Não se está considerando, aqui, o rádio digital, pois ainda não é uma realidade no país.



A presença das emissoras de rádio na internet é uma evolução do modo hertziano para o suporte web. "Não se trata ainda, de uma nova emissora de rádio nas páginas da web, mas tentativas de oferecer ao ouvinte novas possibilidades de gêneros e novas formas de interação", formula Prata (2009, p. 223). Assim, a escuta *on-line* da transmissão hertziana, por exemplo, mostra que se tem uma nova forma de suporte radiofônico. Além disso, a página da web de uma rádio agrega elementos textuais e imagéticos, conforme Prata (2009).

As práticas comunicativas se reconfiguram no espaço da internet, e com a webradio, também se pode verificar isso. Uma emissora ganha novos elementos de texto e imagem na internet, "porque são infinitamente amplas as possibilidades, as combinações e as reconfigurações geradas pelo ambiente digital" (PRATA, 2009, p. 225). A internet potencializa a interatividade, mesmo que o recurso sempre tenha sido possível no rádio. Além disso, conforme Almeida e Magnoni (2010, p. 278), a imagem institucional das emissoras melhorou com a internet. "Um site bem produzido oferece aos ouvintes a possibilidade de conhecer detalhadamente uma equipe inteira [...]. Permite que eles falem, participem, vejam fotos e até vídeos com os donos das vozes que escudam". Portanto, numa webradio, encontrar-se-á, além do áudio, propriamente radiofônico, textos, imagens e ainda mais.

A reportagem, um dos mais relevantes gêneros radiofônicos, na web pode vir ancorada com vídeos, fotografias dos participantes e do cenário do evento comunicativo, textos e hipertextos com dados sobre o assunto em questão e infografia colorida e esclarecedora. Por meio de um serviço de busca, o usuário pode encontrar ainda mais informações acerca do tema. (PRATA, 2009, p. 225)

Deste modo, a webradio reformula não somente o veículo, criando um novo suporte áudio-textual-imagético, mas também, altera as formas de recepção e percepção deste. Segundo Rahde (2006, p. 10), observando-se a iconografia e a paisagem urbana contemporânea percebe-se uma ação do sujeito no sentido de aceitar bem a mestiçagem de estilos e de formas.

A ideia do *less is more* parece estar desaparecendo e o excesso, a ambigüidade, a polivalência estão em crescimento no momento vivenciado, em que o sujeito está construindo uma outra realidade híbrida, com a qual parece encontrar novos e maiores significados culturais.



Essa referência vai ao encontro da reconfiguração das práticas comunicativas na web. As possibilidades advindas das novas tecnologias recriam ambientes, alteram formatos, mudam as formas de percepção.

### **O rádio na web: o contemporâneo**

Assim, observa-se que vivemos num tempo pós-moderno, pois há novos modos de viver em sociedade, há uma nova sensibilidade instaurada, contudo, é ainda uma relação íntima com a modernidade tanto no sentido de superá-la, em alguns momentos, como no de invocá-la, em outros. Neste contexto, complexo, o rádio também faz sua passagem.

Essa transformação não acontece de forma tranquila e linear, mas, aos saltos, com avanços e retrocessos. Tem-se, então, o desenvolvimento de algumas características que ajudam a compreender o movimento realizado pelo veículo e por sua programação jornalística: uma cultura da aceleração, uma múltipla temporalidade da realidade e o predomínio da noção de fluxo.

Estes elementos marcam o rádio contemporâneo, que sofre, ainda, através da tecnologia, uma outra mutação. O rádio na web ganha elementos impensados na época de seu surgimento, como texto e imagem. Deste modo, não somente a programação jornalística do rádio, mas o veículo como um todo, atualiza-se, tornando-se contemporâneo. Contudo, o que caracteriza e identifica uma emissora de rádio, conforme Meditsch (2010), não é a natureza dos equipamentos usados, mas a especificidade do fluxo sonoro que proporciona e as relações socioculturais que se estabelecem e se preservam, a partir do veículo.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Ana Carolina. MAGNONI, Antônio Francisco. “Rádio e internet: recursos proporcionados pela *web* ao radiojornalismo”. In: MAGNONI, Antônio Francisco, CARVALHO, Juliano Maurício (orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.



CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1992.

FERRARETTO, Luiz Artur. “Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade de oferta”. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (orgs.). **E o rádio? novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

MARCONDES Filho, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. **A rádio na era da informação**. Coimbra: Minerva, 1999.

\_\_\_\_\_. “A informação sonora na *Webemergência*: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia”. In: MAGNONI, Antônio Francisco, CARVALHO, Juliano Maurício (orgs.). **O novo rádio**: cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

RÁDIO BANDNEWS FM. Disponível em <http://www.bandrs.com.br/bandnews/>. Acesso em: 16 de jun. 2010.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. “Comunicação visual e imaginários culturais iconográficos do contemporâneo”. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. [www.compos.com.br/e-compos](http://www.compos.com.br/e-compos). Abril de 2006.

TEIXEIRA COELHO, José. **Moderno pós-moderno**: modos e versões. São Paulo: Iluminuras, 1995.